

De romances, caligramas e poemas. O encontro de Uxío Novoneyra com o Seminario Menéndez Pidal

José Luís Forneiro

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

FORNEIRO, JOSÉ LUÍS (2011 [2010]). “De romances, caligramas e poemas. O encontro de Uxío Novoneyra com o Seminario Menéndez Pidal”. En Anxo Tarrío (ed.), *Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010*. Santiago de Compostela: Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago de Compostela, 33-61. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/165>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

FORNEIRO, JOSÉ LUÍS (2010). “De romances, caligramas e poemas. O encontro de Uxío Novoneyra com o Seminario Menéndez Pidal”. En Anxo Tarrío (ed.), *Uxío Novoneyra. Día das Letras Galegas 2010*. Santiago de Compostela: Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago de Compostela, 33-61.

* Edición dispoñíbel desde o 17 de febreiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

DE ROMANCES, CALIGRAMAS E POEMAS. O ENCONTRO DE UXÍO NOVONEYRA COM O SEMINARIO MENÉNDEZ PIDAL

José Luís Forneiro

1. Preâmbulo

Como é sabido pelos filólogos hispânicos e românicos, um dos principais temas de pesquisa de que se ocupou Ramón Menéndez Pidal, o maior filólogo espanhol de sempre, foi o estudo da poesia narrativa tradicional, isto é, o romanceiro. *Don Ramón* herdou o gosto por este tipo de literatura oral do seu irmão mais velho Juan, político (foi governador de Ponte Vedra entre outros cargos,) e literato que deu a lume uma das primeiras colectâneas da tradição [34] romancística contemporânea: *Poesía Popular. Colección de los viejos romances que se cantan por los asturianos* (1885). Esta obra, para além do seu instrínseco interesse, pois se tratava duma rica recompilação de romances da região asturiana, era a primeira amostra importante da vitalidade do romanceiro das áreas linguísticas assimiladas à língua castelhana. Antes desta obra só as tradições romancísticas de Portugal e da Catalunha tinham sido muito mais exploradas, e as edições e estudos de diferentes pesquisadores sobre os romances portugueses e catalães foram usados para a configuração das respectivas identidades nacionais que se pretendiam diferentes de uma Castela em que o romanceiro mal tinha dado sinais de vida, se exceptuarmos a colectânea de Juan Menéndez Pidal, obtida numa área periférica do âmbito castelhano como eram as Astúrias.

Em 1900 Ramón Menéndez Pidal e a sua mulher, María Goyri, descobrem por acaso na localidade soriana de Burgo de Osma, na sua lua de mel (uma viagem de cavalo pelas terras do *Poema del Mio Cid*), que o romanceiro tradicional ainda estava bem vivo em Castela, lugar onde tinha nascido este género poético nos finais da Idade Média. A partir dessa altura *Don Ramón*, ajudado por correspondentes de todos os territórios de línguas íbero-românicas, preocupou-se em formar o seu arquivo do romanceiro, o *Archivo Menéndez Pidal* (AMP), a maior colectânea de poesia narrativa tradicional de Ocidente, e possivelmente do mundo.

Menéndez Pidal procedia de uma família de políticos asturianos conservadores, mas através da sua esposa María Goyri vinculou-se às instituições ligadas ao projecto liberal e laico da *Institución Libre de Enseñanza* (*Centro de Estudios Históricos, Junta para Ampliación de Estudios, Residencia de Estudiantes*, etc). A Guerra Civil de 1936 obrigou-o a exilar-se e só regressou à Espanha em Julho de 1939, onde conviveu com o novo regime do ditador Francisco Franco, “convivência” que nunca significou adesão. A pouco e pouco Ramón Menéndez Pidal foi recuperando os cargos que usufruía antes da deflagração militar e em 1954, graças a uma certa abertura do regime, o ministro da Educação Joaquín Ruiz

Jiménez criou o *Instituto Interfacultativo* [35] *Seminario Menéndez Pidal* na Universidade Complutense de Madrid (SMP) a fim de que *Don Ramón* pudesse continuar os seus estudos de equipa iniciados dentro do *Centro de Estudios Históricos* antes da Guerra Civil.

Ramón Menéndez Pidal falece em 1968, deixando o seu arquivo ao seu neto Diego Catalán, quem em 1977, passaria a dirigir o SMP. A partir desse ano Catalán organiza, com o subsídio do *National Endowment for Humanities* (dentro do âmbito dos acordos bilaterais Espanha-Estados Unidos da América) e doutras instituições espanholas e portuguesas, uma série de trabalhos de campo do romancero em terras de Espanha e Portugal em cujas equipas participavam professores e estudantes de diversas universidades americanas, europeias e espanholas, bem como docentes do ensino secundário e outras pessoas que frequentavam os cursos teórico-práticos com que o SMP acompanhou algumas das suas prospecções.

Na primeira das recolhas, realizada em 1977 nas províncias de Palência, Cantábria, Biscaia, Astúrias, Leão e Samora foram obtidas algumas centenas de versões romancísticas e dois membros do Seminário Menéndez Pidal, Jesús A. Cid e o próprio Diego Catalán, deram um salto a terras galegas onde coligiram umas dezenas de textos bastante deteriorados de romances tradicionais. O escasso sucesso deste experiência fez com que o SMP só voltasse à Galiza em 1980; da base de Villablino (Leão) em que estavam instalados para poder pesquisar a tradição romancística do ocidente das províncias de Leão e das Astúrias, uma equipa penetrou nas terras ourensanas do Bolo e conseguiram resultados mais satisfatórios que em 1977, pois reuniram umas 30 versões. Em 1981 de Puebla de Sanabria (Samora) foram explorados o Sudoeste de Leão, o Ocidente de Samora e o Leste de Ourense, recolhendo em terras galegas mais de 400 versões. Este importante número de textos animou o SMP a insistir na recolha de romances na Galiza e assim em 1982 e 1983 este instituto interuniversitário dedicou as suas campanhas estivais a explorar quese em exclusivo a tradição romancística galega.

[36] Em 1982 o SMP estabelece-se no Barco de Val de Orras (Ourense) para poder explorar a província de Ourense e o Sul da província de Lugo: obtiveram-se em 84 localidades 1.400 textos de cerca de 80 romances. Em 1983 da base de Guitiriz (Lugo) foram coligidas mais de 1.900 versões em 189 lugares das províncias da Crunha, Ponte Vedra e Lugo; nesta última foi recolhida a maior parte dos textos: uns 1.400 textos em 151 localidades. Em resumo, reuniram-se mais de 3.700 versões ou fragmentos de versões de 129 temas (o romancero galego está constituído por um total de uns 180 romances), 13 dos quais nunca antes tinham sido obtidos no património oral da Galiza. Portanto, o número de textos deste *corpus* ultrapassou notavelmente os 500 textos do espólio galego do AMP recolhido, sobretudo nas três primeiras décadas do século XX, além do próprio *Don Ramón* por estudiosos galegos e não galegos como Víctor Said Armesto, Alfonso Hervella, Alejo Hernández, Eduardo Martínez Torner, Jesús Bal y Gay e Aníbal Otero. No entanto, a maioria das versões galegas do AMP costumam ser mais completas e de maior qualidade literária que as que foram coligidas pelo SMP várias décadas depois.

2. O Romancero do Courel

Antes da Guerra de 1936 algumas áreas da montanha de Lugo tinham sido exploradas por Víctor Said Armesto, Aníbal Otero (natural da actual Ribeira de Piquim) e pouco depois deste por Jesús Bal y Gay e Eduardo Martínez Torner. Porém, os montes do Courel foram território praticamente inexplorado até às campanhas do SMP na década de 1980.

Nestas terras lucenses o romanceiro mostrou-se de maneira desigual, assim, enquanto nalgumas localidades não se encontraram sinais da vitalidade do romanceiro de tradição oral, noutras, em troca, as equipas do SMP depararam com informantes possuidores de um rico património de poesia narrativa tradicional.

No dia 19 de julho de 1982 uma equipa do SMP explorou alguns lugares do Courel. Na folha de descrição da recolha consta que só gravaram numa cassete de uma hora nas localidades de Seoane, [37 imaxe] [38]Ferreirós, Folgoso e Parada, todas elas pertencentes ao concelho de Folgoso do Courel. Nada obtiveram em Ferreirós, tão só uma versão de *Conde Ninho* em Folgoso, todavia nas outras duas localidades os resultados foram positivos. Em Seoane, foram recolhidas 14 versões, quatro delas fragmentárias, de Valentina Pol, de 80 anos, enquanto que em Parada de Moreda, aldeia natal de Uxío Novoneyra, foram colgidos 17 textos, cinco deles incompletos, de maior qualidade literária e histórica, de Manuela García, de 60 anos. A equipa que naquele dia do Verão de 1982 se descolocou até estes lugares estava formada por Aurelio González (professor da Universidade do México, descendente de asturianos), Isabel Rodríguez (pesquisadora da literatura tradicional, especialmente do conto popular brasileiro), Dolores Sanz e Teresa Yagüe (alunas segovianas de Filologia Hispânica da Universidade Autónoma de Madrid) e Jon Juaristi (naquela altura professor de ensino secundário no País Basco e posteriormente professor universitário e director da Biblioteca Nacional, do Instituto Cervantes, e na actualidade da Direcção Geral de Universidades da Comunidade Autónoma de Madrid)¹.

O saber romancístico da senhora Manuela García pode encontrar-se no lado B da cassete que o SMP gravou em terras do Courel naquele 19 de Julho e que faz parte do *Archivo Sonoro del Romancero* (ASOR). Todos os textos transmitidos por Manuela García foram recitados, e não cantados, facto que demonstra que [39] de acordo com a tradição local, ou mesmo com a personalidade do informante, os textos podem carecer de melodia, como neste caso, ou podem comparti-la com outros romances. Estes são os temas que a vizinha de Uxío Novoneyra transmitiu ao SMP, na seguinte ordem: *Gerinaldo*, *Conde Preso*, *A Infanta Pejada*, *Florbela e Blancaflor*, *A Morte Ocultada*, *Delgadinha* (fragmento mínimo), *O Conde Flores* (*Flor nueva de romances viejos*), *O Soldado+Aparição*, *A Fonte Clara*, *O Parto em Terra Longínquas*, *A Má Sogra* (fragmentos), *Irmã Perdida* (vulgata), *Tamar*, *Belardo e Valdevinos*, *O Veneno de Moriana* (fragmento), *Santa Iria* (fragmento) e *O Conde Ninho* (fragmento). Trata-se, portanto, de uma ampla amostra do saber romancístico, que inclui versões completas, ou quase, de temas carolíngios e cavaleirescos como *Gerinaldo*, *Conde Preso*, *Conde Ninho* e *Belardo e Valdevinos*, o romance devoto *A Fonte Clara*, e temas do romanceiro romanescos ou folclórico como *Florbela e Blancaflor*, *A Morte Ocultada*, *O Parto em Terras longínquas*, *Tamar* e *O Soldado+Aparição*; salientam, sobretudo, as excelentes versões d' *A Infanta Pejada* e d' *A Fonte Clara* (o texto mais galeguizado deste tema encontrado na Galiza)² e, muito especialmente, a versão de *Belardo*

¹ Jon Juaristi nas suas memórias dedica várias páginas à sua vinculação com o SMP e relativamente aos cursos-trabalhos de recolha manifesta o que segue: “Al acercarse el verano del ochenta, Arane me recomendó dedicarme a alguna actividad que me mantuviera lejos de Lequeitio, sabiendo lo que éste me deprimía. Me incorporé así a un curso que dirigía Diego Catalán en Segovia, para la formación de investigadores en el Romancero de Tradición Oral Moderna. El curso se complementaba con una encuesta de varias semanas en el Bierzo y otras comarcas de la Galicia exterior. La mayoría de los participantes eran alumnos de Diego en las universidades de Madrid y California. Los profesores de instituto no llegábamos a una docena. El grupo incluía algunos profesores de universidades extranjeras. [...] Me encontré, por primera vez en mi vida, en un medio universitario seriamente organizado en torno a un proyecto humanístico de gran envergadura y bajo la dirección de un auténtico maestro” (Juaristi 2006: 340-341).

² O grau de galeguização deste texto serviu para demonstrar a falsidade da versão deste tema obtida por Víctor Said Armesto, incluída no *Cancioneiro Musical de Galicia* de Casto Sampedro (vid Forneiro 2000: 194-196).

e *Valdevinos* (que recitou quase no fim da gravação e não no início como indicam Jon Juaristi e Aurelio González). Em troca, não foi capaz de lembrar os textos completos de romances bem difundidos na tradição galega como *A Má Sogra*, *Delgadinha*, *Conde Ninho*, *O Veneno de Moriana* e *Santa Iria*.

Também achamos no património romancístico desta informante de Parada versões modernas, o qual demonstra que “as últimas novidades romancísticas” chegam mesmo a territórios tão isolados como o Courel. Assim, a versão da *Irmã perdida* não era a tradicional, mas sim uma “vulgata” isto é, um tipo de versão uniforme, sem quase variantes, criada em época recente na Andaluzia e difundida com grande sucesso, graças à melodia fácil com que é cantada, por [40] toda a Espanha³; no caso deste romance a vulgata apagou quase totalmente as versões tradicionais na Galiza. Por outro lado, a versão de *O Conde Flores* também é parcialmente moderna, pois os versos da metade inicial do texto derivam da versão incluída na coleção de romances tradicionais factícios preparada por Ramón Menéndez Pidal, *Flor nueva de romances viejos*, publicada em 1928. Este livro desde logo introduziu na tradição oral alguma das suas versões reelaboradas, mas, sobretudo, contribuiu para esta difusão a inclusão dalguns textos desta antologia em livros escolares editados durante os anos da República (Catalán 1989: 38 e Valenciano 2006: 179-184).

Quando a senhora Manuela foi perguntada, depois da recitação, pelos membros do SMP e por Uxío Novoneyra como tinha adquirido o seu saber romancístico, respondeu:

—Rodríguez: ¿Y todo esto que nos ha contado, lo aprendió de pequeña?

—Manuela García: “De pequeña, sí, de pequeña. De mi abuelita y de unas señoras..., que iba yo con los cerditos. Y yo... me gustaba mucho que me contara historias. Me llamaba la señora: “Vete a buscar los cerditos allí y luego ya te cuento una historia”. E iba corriendo a buscarle los cerdos. [...] Y así tras de uno, otro y otro y me quedaba y ahora, en cambio, las letras no se me quedan, no recuerdo.

Ana Valenciano, editora do *Os romances de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus temas* (1998), manifestou o seguinte a respeito do saber romancístico do Courel e da senhora Manuela García:

[41] Algúns dos mellores recitadores de Lugo, entrevistados en 1982 (dun total de 60), son oriundos dunha área bastante reducida que se sitúa arredor da comarca do Courel e as súas proximidades (concellos do Incio, Folgoso do Courel e Quiroga). En Foilebar (o Incio) reside unha das mellores informantes entre as encontradas en Galicia: María Porfirio, de 61 anos, e, en Cabude, tamén pertencente ó concello do Incio, Natividad Rodríguez Valcárcel, de 78 anos. As aldeas que mellor conservaban o Romanceiro no concello de Folgoso do Courel foron Santa Eufemia e Parada. No extremo Sul da Serra encontráronse romances de especial interese en Penasrubias, que pertence ó concello de Quiroga, e Goia, do mesmo concello. No Courel atópanse, así mesmo, outras aldeas, onde foron entrevistados informantes con repertorios constituídos por oito ou dez romances, en versións relativamente ben conservadas, e outros

³ “Don Bueso y su hermana cautiva [...] creado en el Sureste, ha sido remozado con variantes de nueva creación, una vez más por Andalucía; y esta forma más moderna se ha extendido, de un lado, por la Mancha y Aragón, infiltrándose hasta en Cataluña y de otro, se ha propagado densamente por Extremadura y Salamanca, invadiendo todo el Noroeste hasta el Cantábrico, en donde hoy compite con la vieja versión hexasilábica característica de aquellas tierras arcaizantes. La versión invasora he penetrado también últimamente en Marruecos, y allí convive con la versión hexasilábica en parados, la más vieja de todas cuantas reviste este romance derivado del poema alemán de *Kudrun*” (Menéndez Pidal 1968 II: 399).

cun repertorio menor pero que lembraban textos de especial interese pola súa rareza ou pola riqueza do discurso poético neles utilizado. Algo máis ó Norte sitúase outro importante foco de conservación de romances en Seixo (concello de Pedrafita). Por último cabería salientar dous núcleos algo mais afastados dos anteriores: ó primeiro ó Leste do Incio, na aldea de Casela (Castro de Rei) e o segundo en Figueroa, ó Sur de Lemos, no concello de Sober. (Valenciano 1998: 39-40)

Como já tem sido indicado, as áreas onde melhor se conservou o romanceiro tradicional em terras galegas foi no leste nas províncias de Lugo e Ourense. Nestas áreas junto ao norte de Portugal e ao oeste das províncias de Astúrias, Leão e Samora encontraram-se a maioria dos mais ricos acervos romancísticos da tradição oral pan-ibérica moderna. Portanto, o romanceiro do Courel faz parte desta região folclórica do noroeste peninsular, que também se estende até aos territórios de Palência e da Cantábria, e que se caracteriza pela riqueza dos seus repórtorios, pela conservação dos temas mais antigos deste género literário oral (os temas históricos, carolíngios e cavaleirescos) e pela qualidade literária das suas versões.

Sem dúvida, o Courel é uma das terras onde melhor se tem preservado a poesia tradicional, mas afirmar que “as familias do Caurel souberon crear ou gardar celosamente antiquísimos cantos, posiblemente millor que ningún outro pobo de Europa. Voces perennes que nos trasladan á Edá Media; romances históricos con linguaxe arcaico [42] así como vocablos fóra de uso souberon vencer a morte, sobrevivindo ata os nosos días con música sempiterna” (Foxo 2009: 15-16), é exagerado pois mesmo no contexto galego concellos da província de Lugo como os do Íncio, Pedrafita e Antas de Ulla ou ourensanos como Viana do Bolo provavelmente preservaram acervos tão ou mais ricos que o obtido em terras courelenses⁴.

3. Versões pessoais daquele encontro. Sobre *letrados* e o romanceiro de tradição oral

Em finais de Junho de 2009 a Real Academia Galega (RAG) anunciou publicamente que o Dia das Letras Galegas de 2010 seria dedicado a Uxío Novoneyra pela oralidade da sua poesia e pelo seu empenho e interesse em comunicar com o povo galego. Segundo a instituição académica Novoneyra transformou-se num poeta popular, pois os seus poemas estiveram presentes em recitais e canções desde 1968 (Obelleiro 2009: 2), e, sobretudo, como se podia ler no site da RAG, porque “Alén da súa incursión na narrativa para nenos, temos que sinalar a oralidade da súa poesía, que adquiría matices especiais cando o mesmo poeta recitaba os seus propios versos. Unha proba máis do seu enraizamento co pobo e coa poesía [43] popular”. Para Carmen Blanco e Claudio Rodríguez Fer a presença da

⁴ Deixando de lado o estilo e a língua, pejada de vulgarismos e sobretudo de castelhanismos, os trabalhos de Xosé Lois Foxo sobre o folclore galego caracterizam-se pelo seu marcado amadorismo. Parece como se este senhor, director da Escola de Gaitas da Deputación Provincial de Ourense, fosse um ser autosuficiente que escreve o galego a seu bel-prazer e que trata do folclore como se não existissem trabalhos prévios, como se para atender o saber popular houvesse que fazê-lo de maneira desleixada e carente de todo o rigor. Assim, antes do trecho anteriormente reproduzido afirma que o tema de “Aguillada (A Muller Adúltera)” (*Adúltera com un gato*) é de origem carolíngia, quando se trata de um romance burlesco, ou estabelece uma arbitraria conexão entre uma versão courelense do romance de *Gerinaldo* e outra duma informante sefardita de Tetuão (porque não a relaciona com as asturianas ou com as portuguesas?), conexão que, por outro lado, não demonstra, pois não oferece nem um único verso de ambas as versões (Foxo 2009: 15). Realmente admira que as obras de Xosé Lois Foxo, carentes de critério científico, estejam subsidiados por instituições públicas como a Deputación de Ourense ou a Xunta de Galicia.

poesia popular na obra de Novoneyra encontra-se no uso do paralelismo, na enunciação de pluralidades e, principalmente, no uso das formas métricas:

As recorrencias fónicas que conforman a métrica axústanse en xeral aos modelos populares propios do folclore galego, en procura dunha maior adecuación entre a forma e o contido. Así este canto courelán adáptase aos ritmos da música da terra que o provoca. En efecto, encontramos un predominio dos versos de arte menor, ás veces en combinacións anosilábicas; da rima asonante ou parcial; e das estrofas curtas con esquemas sinxelos. De todos os xeitos, hai tamén unha presenza significativa da consonancia, moitas veces derivada das recorrencias léxicas e morfolóxicas, e unha pequena concorrencia do verso en arte maior. Aparecen tiras monorrimas, cantigas con refrán, derivacións da muiñeira, pareados, tercetos, cuartetos, redondillas, pequenas estrofas romanceadas, quintillas e ata algunha sextilla (Rodríguez Fer e Blanco 1990: 55-56).

Além da métrica e do paralelismo, podemos achar outras marcas da poesia popular na obra do escritor courelense como a inclusión dalgum verso popular ou duma cantiga inteira num poema (Novoneyra 1981: 167 e 196), alguma recriação dum poema tradicional (Novoneyra 1981: 213), uma homenagem aos cegos cantores, feita à maneira medieval (Novoneyra 1981: 122), e alguma vaga referência ao mundo carolíngio do Roldão dos romances e lendas (Novoneyra, 1998-1999: 17-18). Mas, em nossa opinião, no conjunto da lírica de Novoneyra mais clara do que a influência da poesia de tradição oral moderna é a pegada da poesia galega medieval (de raiz popular, como é sabido, e da qual mal há relíquias na Época Contemporânea), e sobretudo, “a sintonia coa poética as culturas indixenistas e ancestrais, que pratican unha arte estreitamente vencellada á vida e apartada das referencias librescas” (Rodríguez Fer e Blanco, 1990: 17). Confirma isto um depoimento posterior de Novoneyra, onde reconhece a sua dívida com os poetas medievais e onde indica que para ele a maior influência que se pode receber do povo mais do que [44] falar a Língua e estar dentro dela, viver a palavra como algo natural mais do que cultural:

[...] eu realmente noto unha cousa, que, o maior herdo, o herdo que me vén da literatura galega, son os medievais, Pondal e Rosalía. E ante todos foi a cultura popular a que realmente me entregou Galicia. Eu moitas veces nin necesito saber nada do pasado escrito do meu pobo, o que me centra en Galicia é estar dentro da cultura popular. Nunha palabra: o estar dentro da Lingua. Non usar a Lingua senón estar dentro dela. Eso fai mesmo innecesario o coñecemento dos avatares escritos. Estar dentro dela. Quizais serei dos galegos que menos saben da historiografía de Galicia. O que procurei foi permanecer, e é porque estaba intensamente dentro. Nunca me saín do horizonte interior da Lingua [...] Pero a miña procedencia vén do pobo. A gran obra centradora é a Lingua-Fala. Por eso cando se fala do popular como rebasado polo moderno coñecemento, prodúceme indignación porque o acervo popular é riquísimo. Aínda nunca falei máis a gusto e con maior plenitude con ninguén, anque estivese máis próximo a min por experiencias literarias, por lecturas, por ideoloxía, nunca falei con ninguén con maior plenitude coma cun labrego da minha aldea. Nunca, nunca a palabra entre home e home se deu tan reveladora. Co-iles semella que a palabra é total, a palabra xuntamente co xesto, coa entoación, a palabra como algo natural, non só cultural (Novoneyra 1998: 41-42, 44).

Creemos que do encontro de Julho de 1982 de Uxío Novoneyra com a equipa do SMP podemos tirar algumas informações que nos sirvam para melhor conhecer a ligação do poeta co Courel com a poesia de tradição oral. Com este fim solicitamos a versão das duas

partes: por um lado, a família de Novoneyra, e, por outro, a dalguns membros do SMP que naquela tarde estiveram em Parada de Moreda. Oferecemos, a seguir, os depoimentos, segundo os recebemos em ordem cronológica de Jon Juaristi, Branca Novo, Elva Rey, Dolores Sanz e Aurelio González. Pode-se comprovar como os relatos diferem nalguns aspectos, às vezes fundamentais, mas, como é sabido, a elaboração da memória é sempre algo muito pessoal. Seja como for, é claro que aquela experiência foi positiva e marcante para ambas as partes. Agradeço aqui a todos a sua disponibilidade e [45] espero ter sido fiel ao que me comunicaram, sobretudo, nas conversas telefónicas⁵.

Jon Juaristi relatou-nos numa carta, enviada por correio electrónico, a sua lembrança do encontro com Uxío Novoneyra. Os parênteses rectos indicam partes do texto não reproduzidas por nada terem a ver com esse assunto que aqui nos ocupa:

Querido José Luis:

[...] Me acuerdo perfectamente del encuentro con Uxío Novoneyra en Parada do Courel, pero no sabría precisar la fecha. Como experto en el romancero gallego, seguro que sabrás localizarla tú mismo en alguna de las versiones que recogimos ese día. Debió ser en 1981 o 1982, y en julio. Me gustó tanto Courel que, a mi regreso a Bilbao, propuse a mi mujer, Arene, hacer una escapada los dos solos, para que conociera el bosque. Llegamos a Vegadeo en una sola jornada. Dormimos allí y, el día siguiente, alcanzamos Quiroga a primera hora de la tarde. Llovía muchísimo y la carretera estaba interrumpida por desprendimientos. No conseguimos entrar en Courel. Cuando volvíamos a Bilbao, a la salida de San Vicente de la Barquera, un Land Rover cargado de borrachos, que venía en dirección contraria, entró en nuestro carril y nos embistió. El coche en que íbamos era bastante frágil, un Seat 1430 que acabábamos de comprar a un tío de Arene. Yo salí casi ileso, con algunas erosiones en la cara y los brazos, pero a Arene se le clavaron en el ojo izquierdo varias astillas de cristal, y hubo que evacuarla rápidamente en un taxi a Bilbao, donde esa misma noche la operaron. Martín, nuestro hijo, era entonces muy pequeño —debía andar por el año y medio o dos años— y se había quedado en Lequeitio, con sus abuelos. Habíamos decidido dejarlo allí, después de una larga discusión sobre si debíamos o no llevarlo con nosotros. Fue una decisión afortunada.

Pero, a lo que íbamos. Creo que ese verano la base estaba en O Barco (a menos que me equivoque y fuera el año de Guitiriz, compruébalo). El equipo que salió a cubrir la comarca de Seoane lo componíamos Aurelio González, Isabel Rodríguez, dos de las chicas segovianas de cuyos nombres ya no me acuerdo, aunque creo que una de ellas se llamaba Teresa (no era Teresa Catarella, en cualquier caso) y yo mismo. Eso será fácil reconstruirlo, porque conservo dos fotos sacadas por Aurelio en casa de Uxío, donde [46] aparecemos todos, salvo el fotógrafo. El día fue malo. No aparecían romances por parte alguna. Creo recordar que el último pueblo de la ruta marcada era Ferreirós. Llovía sin parar y, en vista del éxito, decidimos regresar a la base hacia las seis de la tarde. Paramos en un bar de carretera para tomar un café, y a Aurelio se le ocurrió preguntar a la dueña si sabía algún romance. Ella abrió mucho los ojos, como espantada, y respondió que no tenía ni idea de aquello por lo que preguntábamos, pero un parroquiano, que estaba acodado en el mostrador, intervino en la conversación: “Seguro que el que sabe de eso es Novoneyra”. Entonces pregunté yo: “¿Uxío Novoneyra?”. Y la dueña dijo: “Sí. Es un escritor gallego. ¿Lo conoce?”. “No”, reconocí, “pero he leído algunos poemas suyos”. En realidad, sólo había leído Os eidos, mucho tiempo atrás. “Pues vive en Parada de Moreda”, nos dijo ella.

⁵ Igualmente fico muito grato pelo envio das fotografias e do caligrama, a Jon Juaristi e a Lola Sanz, respectivamente.

Consultamos el mapa, y comprobamos que no estábamos muy lejos del pueblo, aunque habíamos dejado Courel atrás. Propuse intentarlo, aunque todos éramos bastante escépticos respecto a las posibilidades de la zona. Volvimos sobre nuestros pasos y llegamos a Parada cuando ya anochecía. El entorno de la aldea era magnífico, con unos robles casi fantasmales entre los que se deslizaba la niebla. No nos costó dar con la casa de Uxío. Nos abrió su mujer, alta y rubia, por lo que recuerdo. Llevaba el pelo recogido en una coleta. Pregunté por Uxío, y ella nos hizo pasar a una salita.

Uxío apareció momentos después. Iba vestido con un suéter a rayas y un pantalón de pana. Sonreía bonachonamente. Me cayó bien desde que lo vi. Me presenté como un poeta vasco, y le expliqué el objeto de nuestra visita. “No”, me dijo con gesto de desolación, “en este pueblo nunca se cantaron romances”. Insistió, sin embargo en que nos quedáramos un rato, y sacó una botella de aguardiente de grosellas, casero, y copas para todos. El licor estaba buenísimo. Hablamos de muchas cosas: del aguardiente de grosellas y del pacharán. “No me conviene”, decía Uxío, “pero mi mujer es la enfermera de la comarca, y eso tiene alguna ventaja”. Luego nos enfrascamos en una conversación sobre poesía. Dijo que ya no tenía apenas trato con los poetas de su generación, excepción hecha de Carlos Oroza. Cuando le hablé de *Os eidos* y de la importancia que había tenido para mí, como descubrimiento de la poesía gallega contemporánea, me dijo que ahora le interesaba otro tipo de poesía, más experimental. Estaba haciendo caligramas, añadió. Eso me interesaba, le dije, y era además cierto. Durante los años anteriores yo había publicado algunos caligramas en vasco, en *Pott Bandaren Blaga*, la revista que publicábamos en Bilbao los de la *Banda Pott* (Bernardo Atxaga, Joseba Sarrionandia, Joxemari Iturralde, Manu Ertzila, Ruper Ordorika y yo mismo). No eran unos caligramas excepcionalmente buenos, pero sí [47 imaxe] [48] los primeros que se escribieron en eusquera. Algo es algo. Uxío se levantó y volvió al poco con un fajo de cartulinas amarillas y varios rotuladores. Estuvimos haciendo caligramas durante un buen rato, y nos intercambiamos los resultados. Conservo en mi estudio de Algorta varios caligramas de Uxío, variaciones caligráficas múltiples sobre un verso: “Nunca foi como te amo”. Horas después, algo achispados, nos despedíamos en la puerta de la casa. Por el camino venía una mujer con unas cabras. “¿Estás seguro de que no hay romances en Parada?”, insistí. “Seguro”, dijo, y llamó con un gesto a la mujer de las cabras: “¡Eh, Manuela! ¡Ven acá! ¿Sabes tú algún romance?”. “¡Yo qué voy a saber!”, contestó ella riendo, y se paró junto a nosotros. “Hombre, no se pregunta así”, dije, y, volviéndome a la mujer, le dije: “Pero, ¿no ha sentido usted eso de `Alta va la luna, alta”. “¡Ah, eso sí!”, dijo ella. Y recitó acto seguido, de pe a pa, una espléndida versión del romance de *Belardos y Valdovinos*.

Estuvimos grabando a Manuela como una hora o cosa así. Tenía un repertorio de primera, que nos compensó por la jornada de lluviosa sequía que habíamos pasado. Eso, y el aguardiente y los caligramas de Uxío, y la belleza élfica del bosque de Courel, con sus carballeiras sacras. En el rostro del poeta había un gesto de genuino estupor. “Y tú, ¿de qué sabes estas cosas, Manuela? ¿Quién te las enseñó?”, no cesaba de preguntarle. Cuando ella se retiró hacia su casa, nos dijo: “No me lo explico. Nací en este pueblo, y nunca supe que aquí hubiera romances”. Y luego añadió: “Pero es que esta mujer, Manuela, es un poco bruja”.

Nos despedimos con un fuerte abrazo. Prometí volver a visitarle, y conste que lo intenté, pero no envié mi pobre Seat 1430 a luchar contra los elementos desatados de Galicia ni contra los alcohólicos anónimos de Cantabria, que impidieron que cumpliera la promesa. Desde Bilbao, en 1985, le mandé mi primer poemario que contenía

⁶ O esencial desta versión de Jon Juaristi, no que diz respeito ao coñecemento do romanceiro do lugar por Uxío Novoneyra ouvi-a eu próprio a meados da década de 80. Recordo que poucas semanas depois de eu entrar a fazer parte do Seminario Menéndez Pidal (SMP), no Outono do ano lectivo 1984-1985, José Ramón Prieto Lasa, um dos colaboradores externos do SMP, morador no País Basco, numa visita ao centro começou a conversar descontraidamente com Jesús Antonio Cid, membro do SMP, sobre diversos assuntos e pessoas. Neste contexto falou-se no encontro da equipa do SMP com Novoneyra em Parada de Moreda, da afirmação do poeta courelense de lá não haver tradição romancística e da posterior recolha, em que salientava o romance de *Belardo e Valdevinos*.

el poema “Iré a Caurel”, a él dedicado, con ecos de The Lake Isle of Innisfree, de Yeats. Me contestó, agradeciéndome el envío. Ignoro si Uxío emprendió por su cuenta recolecciones de romances, aunque quiero creer que así pudo ser. [...]⁶

[49] Branca Novo Rey, em conversa telefónica no dia 26 de Janeiro de 2010, disse-nos:

A senhora Manuela ainda vive: passa boa parte do ano em Madrid com a familia e quando volta para a sua terra não pára de fazer coisas nas suas propiedades. Infelizmente, o seu rico património romancístico não foi herdado pelas suas filhas e netas. Uxío Novoneyra nunca recolheu romances.

E num e-mail, com data desse mesmo dia, completava esta informação:

José Luís,

[...] Xa que os meus son recordos de nena e do que logo escoitei: que Manuela era unha gran transmisora de romances. Sei que vive en Madrid e que as súas descendentes, polo que eu sei, non son transmisoras.

Anos despois pasou polo Caurel Emilio Arauxo, filósofo e escritor, e sei que a través do meu pai falou tamén con Manuela.

Sobre o desencadenante, creo que me entendiches mal. Parece que naquel intre, Manuela non dicía romances fai moitos anos e atrancabase un pouco, pero meu pai seguía falando con ela sobre o tema e ela reenganchaba e así puido recordar así moitas partes que ata ela creía esquecidas. Tamén creo que Uxío sabía que Manuela recordaba moitos romances, pero non que era unha das maiores transmisoras como lle dixerá logo o grupo de investigación.

Sobre *Arrodeos e Desvíos* non creo que tivera que ver con esa colleita de romances. Creo que ten que ver coa volta as estruturas tradicionais que tanto lle fascinaban a Uxío e do seu grande interés dende moi novo pola lírica galego-portuguesa. [...]

Un saúdo:

Branca

Elva Rey, viúva de Uxío Novoneyra, ofereceu-nos, em conversa telefónica no fim da tarde do 28 de Janeiro de 2010, a sua versão daquela visita a sua casa familiar:

[50] Recordo bem aquele grupo, que como muita gente, aparecia pela casa de Uxío Novoneyra. No entanto, foi um dos grupos que menos atenção lhes prestei porque naquela altura era muito nova e não me interessava muito pelo romanceiro, apesar disto guarda muito boa lembrança deles, especialmente de Juaristi porque era poeta. Uxío disse-lhes que havia uma esplêndida portadora de romances: Manuela García, afilhada da mãe de Novoneyra e que tinha aprendido duma senhora que era um pouco bruxa (“dizia-se isso das mulheres de aldeia que eram um tanto independentes”). Passou Manuela, que já era velha, com as vacas e voltou depois contar-lhes os romances. A partir daquele encontro com a equipa do SMP Uxío animou sempre Manuela a recordar os romances e mesmo a escrevê-los, que ela transmitiu aos filhos. Assim, Uxío dizia-lhe “—Lembraste do Conde Olinos?” E ela prosseguia. Tivemo-la várias vezes em casa quando havia visitas, mas a mim aborrecia-me algo porque já não recordava bem as versões e incorporava muitos castelhanismos. Manuela foi viver a Madrid, ia e vinha, e deveu ficar fascinada com a língua castelhana. Em 1992 entrevistou-a Emilio Araújo, mas a gravação não ficou bem desta vez porque recordava mal os romances. Uxío estava obsesionado com a perda da base rural e marinheira da língua porque era a riqueza do galego e sempre se interessou pela poesia popular, pelo romanceiro como por certos alalás porque faziam parte da memória mais profunda, que denotava

a alma popular, no entanto, não recolheu romances tradicionais. Insistia sempre aos camponeses de Parada de Moreda para não perderem o acervo que conheciam (a Manuela, o romancero e a Celia, os seus conhecimentos botânicos) e aos músicos para usarem as métricas tradicionais.

Também lhe solicitamos a Dolores Sanz (na altura estudante de Filologia Hispânica da Universidad Autónoma de Madrid e hoje professora do I.E.S. *Antón Fraguas* de Santiago de Compostela) às suas lembranças daquela tarde de Julho de 1982, que nos comunicou num e-mail com data de 31 de Janeiro de 2010:

Hola Forneiro,

[...] Voy a hacer un ejercicio de memoria.

Ibamos por el Caurel, Jon, Isabel, Aurelio, Teresa Yagüe y yo. Después de un día poco productivo, por la tarde Jon planteó que quería conocer a Uxío, como un poeta en lengua vernácula como él y que quería subir a visitarlo. Estuvimos de acuerdo.[...]

[51] Preguntamos por la casa a alguien que nos acompañó hasta allí. Nos recibió su mujer y nos dijo que estaba descansando, pero él apareció pronto. Había una galería con suelo de madera sin barnizar con un triciclo en el que montaba una criatura pequeña (¿3 años?). Nos pasó a una sala [...] y allí empezamos a contarle nuestra misión, quiénes éramos, etc... Jon además entró de lleno en el tema de la poesía y a partir de ahí recuerdo muchos poemas recitados y mucho licor de aguardiente de grosellas y/o frambuesas hecho por Uxío y que nos bebimos a o largo de las horas que estuvimos allí. Se nos hizo casi de noche, pero era tarde, porque las tardes de julio son largas. [...]

Cuando salíamos, ya en el portalón de la casa y en plena despedida, pasó Manuela con tres o cuatro vacas (una mujer sonriente de mediana edad), Uxío la llamó (nos dijo que seguro que ella sabía romances) y le dijo que éramos un grupo de gente de Madrid, de la Universidad y le preguntó si sabía algún romance y si nos lo podía contar.

Sé que a partir de ahí, fue todavía más mágico, si cabe, el día, ya la noche. Recuerdo a Manuela de pie, luego sentada en el bordillo. No sé quién se llevó las vacas, si seguían allí o se fueron solas. Recuerdo que con muy buena memoria, con mucha seguridad, la mujer empezó a recitar romances, uno tras otro. No recuerdo cuáles ni cuántos fueron. Ten en cuenta que yo era muy novata. Sin embargo las emociones de esa tarde y de esa noche no se me han borrado. Una sensación de plenitud tremenda, de haber puesto el broche de oro al día. Allí estábamos todos, a la puerta de la casa de Uxío Novoneyra, casi a oscuras, conectando con el pasado. Y el tiempo se detuvo. [...]

Em conversa telefónica do dia 7 de Fevereiro de 2010, Dolores Sanz, em resposta às perguntas sobre o conhecimento de Uxío Novoneyra do romancero do lugar, disse-nos o seguinte:

Habíamos tenido un día malo y Jon sugirió ir a Parada porque, al menos, podíamos conocer a Uxío Novoneyra. En la base de O Barco de Valdeorras los vascos [os estudantes da Universidade do País Basco que participavam no trabalho de recolha] tenían *Os Eidos* y nos lo pasaron a las segovianas. Sobre el romancero de la zona, Novoneyra manifestó lo que tantas veces, nos han dicho: que la tradición se pierde, que ya no quedan informantes. No nos habló de ningún informante del lugar. Estuvimos en su casa mucho tiempo: Novoneyra y Jon hacían caligramas y recitaban poemas y nos fuimos cuando ya estaba anocheciendo. Ya olía a la cena en casa de Novoneyra. **[52]** Cuando salíamos pasaba una señora con las vacas y Novoneyra le preguntó si sabía romances, ella respondió que no.. Era una señora de mediana edad, muy sonriente, Jon le dijo un verso y entonces ella empezó a recitar. Las vacas desaparecieron, no sé adonde fueron en todo ese rato.

Aurelio González num e-mail enviado no día 10 de Fevereiro de 2010 conta, assim, a sua experiêncía:

Estimado José Luis:

Recuerdo que el día de recolección por la mañana no había sido bueno, es más, estaba lluvioso y tú sabes que eso no favorece la encuesta, por lo tanto habíamos comido esperando que aclarara. Creo que en realidad quien sugirió ver a Novoneyra fue Jon que sabía quien era y lo conocía más o menos. Llegamos a la casa de Novoneyra y nos recibió con mucha amabilidad, nos ofreció una copa de orujo y la plática se desarrolló amena y con el brillo de Jon. Hablamos de la poesía en general, del gallego, pero él se mostraba bastante escéptico de nuestra recolección. Para él, el romance eran historias que había oído de niño, que lo habían fascinado, pero que no recordaba realmente, pertenecían, me parece recordar que dijo, a la raíz, pero que esa raíz ya no estaba, que la gente la había perdido y que cuando la recordaba era como parte de un pasado tal vez idílico, pero lejano y perdido. Recuerdo que hubo un momento en que empezó a hacer caligramas con un plumón negro de punta gruesa en unas hojas amarillas de papel grueso, con frases, versos o con su propio nombre (por algún lado yo conservo todavía la que guardé ese día). La conversación saltaba de temas y volvíamos a caer en el Romancero y en algún momento el comentó con alguien que todavía quedaban algunos que recordaban las historias de los romances (me llamaba la atención que para él eran fundamentalmente historias, más que poesía). Fue entonces cuando mencionó el nombre de Manuela, aunque diciendo que no se le podía localizar. Hablamos de muchas cosas más y finalmente se hizo tarde y decidí (no por otra cosa sino porque, como era habitual, yo conducía) que había que marchar. Empezaba a bajar la tarde y había esa luz particular de aquella sierra de Caurel. Ya estábamos en la puerta y se oyó alguien que pasaba, unos animales y no sé si su mujer comentó que podía ser Manuela, Novoneyra dijo que la llamaran y la mujer vino. La recuerdo con ojos brillantes, apoyada a una especie de columna o muro de piedra entre la luz que salía de la puerta y la luz del día que se iba. Quien le empezó a preguntar fue el mismo Uxio, que escéptico, asumía, sin embargo, que el Romancero existía y que esa mujer lo podía tener. Le preguntó que si no se [53] acordaba de aquellas historias viejas; como es frecuente en esos casos, dijo que que va, que ya no tenía memoria. Hablamos un poco, la mujer recordaba fragmentos, Jon y yo sugeríamos algunos temas, Isabel también, algún verso, la muletilla de Gerineldo y fue entonces cuando empezó el romance de Belardo y Valdovinos. A mi me fascinó el texto (como te dije era mi primer Valdovinos), pero el que también estaba asombrado era Novoneyra, era como si se materializaran las viejas historias de las que habíamos hablado, lo cual era cierto, pues en última instancia nuestra búsqueda tenía sentido y después lo reconoció encantando, aunque sabiendo que no había muchos como Manuela. Seguimos hablando y surgían romances durante un rato, Manuela nos dijo algunos temas más que no recuerdo. Finalmente, ella se tenía que marchar y en realidad nos fuimos todos. Sin embargo, creo que el momento había sido en cierto sentido mágico. Novoneyra estaba encantado, era como si se hubiera materializado una tradición que él tenía miedo de haber perdido y que posiblemente, de una manera un tanto autoprotectora y pesimista, había negado que siguiera existiendo.

Como te dije, así es como yo lo recuerdo, para mi fue un día memorable, por conocer al poeta, por la rica plática, por la manera de Novoneyra de ver la tradición entre nostálgica y pesimista, por el encuentro de una informante como Manuela que transmitía algo tradicional muy intenso y por ver vivo un texto de resonancias caballerescas.

En fin, José Luis, a lo mejor no fue así, pero yo lo he guardado durante ya casi treinta años como un gran recuerdo unido a lo impresionante del Caurel. Gracias por

hacérmelo recordar y poner en palabras. Si a ti no te sirve, pues poco te aclarará, a mi me ha valido ponértelo por escrito.

Un abrazo.
Aurelio

Após estes depoimentos, especialmente do de Aurelio González, é claro que Uxío Novoneyra não sabia ao certo qual era o estado da tradição romancística da sua aldeia em 1982. Parece que para ele não era já possível a manutenção da literatura oral num mundo agrário galego decadente. Como nos indicou a família, Novoneyra não recolheu romances tradicionais, provavelmente porque já não esperava encontrar grande coisa no saber popular da sua terra, por isso animava muito as pessoas possuidoras deste património [54] literário, como doutros saberes tradicionais, a não esquecê-lo, a continuar a manter o acervo folclórico. Por outro lado, uma vez que pensava que os poetas não estão obrigados a publicar (pois a poesia está dentro deles, segundo nos disse Elva Rey) não parece que Novoneyra mostrasse especial interesse em conservar por escrito a literatura oral do Courel; para ele o que realmente valia a pena era que os populares não abandonassem a sua rica e antiga cultura e não tanto a recolha e conservação por escrito da poesia oral. Além disso, para a poética do essencial, do silêncio, de Novoneyra calhava melhor a expressão mínima da cantiga de amigo do que a lírica popular galega posterior à Idade Média e, ainda mais no caso do romanceiro tradicional, dado o seu carácter narrativo, como faz notar Aurelio González no seu testemunho.

Pelo seu interesse pela poesia popular da Galiza, Uxío Novoneyra é um caso excepcional no âmbito da lírica culta em galego do século XX, pois contra a opinião generalizada, a poesia de tradição oral mal inspirou os poetas do país nos últimos 150 anos. Salvo alguns autores do *Rexurdimento* oitocentista como Rosalia de Castro ou Curros Enríquez que beberam do manancial lírico do povo, a maioria dos poetas galegos contemporâneos não se pôde inspirar na lírica popular galega dado o escasso conhecimento que tinham desta. A Galiza, apesar do galeguismo nascido no século XIX reivindicar a língua e a cultura popular transmitida pelas classes camponesas e marinheiras durante os últimos séculos, não é uma excepção no contexto hispânico, e ocidental em geral, onde a literatura das classes populares não se costuma atender nos âmbitos letrados e universitários. No caso galego devemos acrescentar a estes preconceitos classistas o facto de a literatura popular galega ter decepcionado as expectativas dos galeguistas citadinos, pois nela pouco ou nada havia de celtismo, muito de relações com os povos vizinhos de língua castelhana e bastantes composições expressas na língua de Castela. Isto explica, em boa medida, que do âmbito galego não tenham sido realizadas importantes pesquisas do acervo literário tradicional desde a Guerra Civil, que a manipulação do romanceiro autóctone tenha chegado até hoje, ou que quase todas as grandes colectâneas da literatura popular da Galiza ainda permaneçam inéditas ou estejam parcial ou mal editadas, perante a [55] indiferença das entidades que as guardam e da intelectualidade do país, realidades estas últimas que mostram algum dos pecados da cultura galega das três últimas décadas.

Se a este desinteresse dos “letrados galegos” pelo acervo literário tradicional do país lhe acrescentarmos a progressiva perda deste património junto do mundo rural, Uxío Novoneyra dificilmente podia saber em 1982 qual era a personalidade dos romances tradicionais do Courel e da Galiza, confundidos tantas vezes no âmbito galego com outras composições narrativas não tradicionais como os romances de cego, género diferente da

poesia narrativa tradicional (Catalán, 1997: 325-339). É, a partir desse mesmo ano quando começa a ser editado e estudado o romanceiro galego de acordo com critérios científicos: em 1982 a etno-musicóloga suíça Dorothé Schubarth publica a sua primeira amostra de poesias populares galegas recolhidas por ela que continuará nos anos seguintes; em 1984 o SMP assinala a falsidade do *Gaiferos de Mormaltán* e doutros romances publicados pelos irmãos Carré Alvarellos no *Catálogo General del Romancero*; e em 1998 é editado o *Catálogo dos romances tradicionais de Galicia* de Ana Valenciano, membro do SMP.

O descobrimento do romanceiro da tradição oral moderna não tem sido fácil desde que se principiou a sua recolha pelo português Almedia Garret na segunda década do século XIX. Já Ramón Menéndez Pidal assinalou os casos de vários intelectuais espanhóis que nos princípios do século XX negaram a existência do romanceiro como o poeta Manuel Machado, o conhecido musicólogo Federico Olmeda (natural de Burgo de Osma, onde precisamente Menéndez Pidal e a sua mulher descobriram em 1900 a vitalidade do género em terras castelhanas!) e o poeta Gabriel y Galán que escreveu poemas no dialecto da sua terra estremenha:

El poeta Manuel Machado sólo veía en los desolados campos de Castilla “atónitos palurdos sin danzas ni canciones”, y el musicólogo Federico Olmeda escribía en 1903: “los castellanos soportan la vida lánguida, sin actividad ni energía, sin brillo y sin esperanza...; sus costumbres y sus canciones las tienen sepultadas en el seno de su dolor; si alguna vez hacen ostentación en sus fiestas..., lo hacen con una pobreza y una melancolía [56] que entristecen en lugar de alegrar”. Olmeda nacido y criado en el Burgo de Osma, donde hemos visto el amanecer del romancero moderno, contradice la creencia corriente de que en Castilla no hay canciones populares; publica 309 tonadas burgalesas, pero entre las 12 secciones de ese cancionero no hay ninguna de <Romances>. [...] Gabriel y Galán, el poeta tan compenetrado con la vida aldeana, el que tanto se inspiraba en “el severo canto llano” me escribía desde Guijo de Granadilla (Cáceres), en febrero de 1903, pintándome la ruina completa de la tradición. [...] Pero las experiencias de Osma y del Paular⁷ [...] me hacían suponer que el romance llevaba en el interior de la Península una vida oscura de reconditez profunda, y que si había aparecido antes en Portugal, después en Cataluña, y más tarde en Asturias, esto pudiera responder en gran parte a una gradación real en la intensidad de vida romancística de estas comarcas, pero más bien pudiera obedecer a una gradación en el deseo que por la exploración de la tierra natal sienten los respectivos naturales (Menéndez Pidal 1968 II: 294-295).

Dentro da literatura de tradição oral, o romanceiro tem-se caracterizado por ser, por via de regra, o género ligado à sua transmissão na intimidade. Graças a esta natureza o romanceiro não desapareceu quando se perderam práticas sociais ligadas aos trabalhos e ao lazer do mundo rural, pois poucos são os romances associados a labores, jogos ou danças. O seu carácter íntimo explica que tenha sido um género tradicionalmente conservado por mulheres e que os pesquisadores tenham experimentado, em não poucas ocasiões, que algumas pessoas desconhecem a existência do romanceiro nos lugares onde nasceram e viveram toda a sua vida. De facto, têm sido recolhidos romances em aldeias em que os primeiros populares entrevistados negavam que lá se soubessem esses cantos, ou onde alguns vizinhos, e às vezes até familiares, ficavam totalmente admirados perante o saber

⁷ Lugar da província de Madrid onde Don Ramón passava as férias estivais nos inícios do século XX, donde aproveitou para pesquisar na tradição romancística do vale alto do rio Lozoya, logo do descobrimento do romanceiro castelhano em Burgo de Osma.

romancístico dos seus conterrâneos. Assim foi no fim daquela tarde de [57] Julho de 1982 quando Uxío Novoneyra pôde comprovar, para a sua satisfação e para a dos membros do SMP que “la agonía del romancero es eterna”, em palavras do académico francês Paul Bénichou, um dos seus mais finos estudiosos das últimas décadas.

[58] Apêndice

Iré al Caurel

Para Uxío Novoneyra

Me levantaré y me iré, me iré al Caurel.
Iré al alto Caurel de agua y pizarra
donde el Lor sesga entre los castañares.
Caerá una fina lluvia entre brezos y árgomas,
y vendrá, lleno el viento del olor de la gleba.
Caurel, *Courel de névoa*, qué garra de nostalgia
tira de mí esta noche hacia tu bosque antiguo.

(Jon Juaristi, *Diario del poeta recién cansado*, Pamplona, Pamiela, 1985, p. 37)

Irei ó Courel

Erguereime e ireime ó Courel.
Irei ó alto Courel de auga e pizarra
onde o lor sesga entr’os soutos.
Cairá unha fina chuva sobre uces e aulagas
E virá cheo o vento do olor da gleba.
Courel, Courel de nebra, qué afiada pouta de nostalxia
tira de min esta noite pro teu bosque antigo.

(Tradução para galego de Uxío Novoneyra em Ólisbos, Faculdade de Filoloxía da Universidade de Santiago de Compostela, nº 2, marzo de 1987, p. 16)⁸

Belardo e Valdevinos

Neste romance Belardo, após ganhar um importante número de cavalos na batalha, vai buscar o seu amigo Valdevinos, que ainda não [59] tinha voltado da caça, e que, finalmente, vai achar moribundo. Este tema estava incluído na conhecida *Silva de Romances* de Saragoça (1551) e foi reeditado muitas vezes em época antiga; na tradição oral moderna só se obtiveram pouco mais de uma dúzia de versões em solo galego, e foi também recolhido em territórios próximos como as Astúrias, Cantábria, Samora, Leão e Trás-os-Montes (desta região portuguesa conhecemos onze textos). É provável que este romance tenha a sua origem na adaptação hispânica da francesa *Chanson des Saisnes* (século XII), um longo poema de Jean Beaudel relativo a Carlos Magno que, segundo Menéndez Pidal,

⁸ O texto de Juaristi reproduzido em Ólisbos apresenta algumas mudanças no título e nos versos a respeito do original:

Iré a Courel

v. 1: M. l. y m. i., e i. a Caurel

v. 2: l. a. a. C. d. a. y pizarra

v. 4: d. e. L. s. e. l. brazos y aulagas

v. 6: Courel C. d. niebla q. g. d. n.

teve um grande êxito na Península Ibérica. *Belardo e Valdevinos* evidencia, como muitos outros romances, o interesse e a autonomia da literatura oral, pois as versões orais modernas apresentam pormenores mais fiéis ao velho poema medieval que os textos publicados no século XVI.

Belardos tiene cien caballos todos ganados n'un día.
2 Iba para junto el rey cincuenta regalar iba.
El rey estaba enojado tomárselos no quería,
4 que le faltaba Oliveros, iba de caza y no venía.
—Tómelos usted, buen rey, por Dios por Santa María.
6 Heille buscar a Oliveros o me ha de costar la vida.—
—Baixei unha costa abaixo, subín unha serra arriba.—
8 Fora dar con Oliveros junto a una fuente fría.
—¿Quién te traxo aquí, Oliveros, quién te hizo tal herida?
10 —El moro que me la hizo, Dios te libre de su ira;
siete cuartas tien de pecho, cuatro de cara tendida;
12 tiene nueve de cabello, que le llega a la petrina
y de puesto de a caballo parece una torre erguida.
14 —Levántate, Oliveros, que de ese eu me vengaría—
Se fueron a un sitio donde Oliveros bien sabía.
16 Pasan uno, pasan dos, moro blanco no venía.
Pasan tres y pasan cuatro, moro blanco no venía.
18 Pasan cinco y pasan seis, moro blanco no venía.
Pasan siete y pasan ocho, moro blanco no venía.
20 Pasan nueve y pasan diez, moro blanco allí venía.
—Eu matein a Oliveros junto a una fuente muy fría
22 e corrín tras de Belardos siete leguas en Castilla. [60]
—Que matache a Oliveros junto a una fuente muy fría?
24 Esa non é maravilla
porque era niño chiquillo, jugar armas no sabía.
26 Pero que corriche tras de Belardos siete leguas en Castilla.
dígoche que é gran mentira
28 y un hombre que miente a un hombre, merece quitar la vida.
Vente moro blanco, vente, que miedo no te tenía.

Bibliografía

- CATALÁN, DIEGO, “El romance de ciego y el subgénero romancero tradicional vulgar”, *Arte poética del romancero oral. Parte 1ª*. Madrid, Siglo XXI de España Editores, 1997.
- FORNEIRO, JOSÉ LUÍS, *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*, Oiartzun (Gipuzkoa), Sendoa Editorial, 2000.
- FOXO, XOSÉ LOIS, *Músicas do Caurel. Cantares da Serra*, vol. III, Santa Mariña, Concellería de Cultura e Turismo da Xunta de Galicia-Escola Provincial de Gaitas da Deputación de Ourense-Escola de Gaitas do Caurel, 2009.
- JUARISTI, JON, *Cambio de destino*, Barcelona, Seix Barral, 2006.
- MENÉNDEZ PIDAL, RAMÓN, *Romancero Hispánico*, I, Madrid, Espasa Calpe, 19682,
- OBELLEIRO, PAOLA, “Novoneyra, <o poeta do Courel>, Día das Letras 2010”, *El País. Galicia*, p. 1, 28 de Junho de 2009.

- NOVONEYRA, UXÍO, *Os Eidos. Libro do Courel*, Vigo, Edicións Xerais, 1981.
- NOVONEYRA, UXÍO, *Dos soños teimosos. Preguntas de Emilio Araújo*, Santiago de Compostela, Noitarenga, 1998.
- NOVONEYRA, UXÍO, *Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago e outras rotas*, A Coruña, Hércules de Ediciones-Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago da Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo da Xunta de Galicia, 1998-1999.
- [61] RODRÍGUEZ FER, CLAUDIO e Carmen Blanco, *Uxío Novoneyra. Os Eidos*, Vigo, Edicións Xerais, 1990.
- VALENCIANO, ANA, *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus temas. Romanceiro Xeral de Galicia I*. Madrid-Santiago de Compostela, Fundación Menéndez Pidal-Centro de Estudos Lingüísticos e Literarios “Ramón Piñeiro”, 1998.
- VALENCIANO, ANA, “La Condesita de Flor Nueva” in *Los trigos ya van en flores. Studia in Honorem Michelle Débax*, Toulouse, CNRS-Université de Toulouse-Le Mirail, 2006.